



EMERGÊNCIA DOS ANIMAIS SILVESTRES COMO TRANSMISSORES DA RAIVA HUMANA.

Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 2ª edição, de 10/08/2020 a 15/08/2020
ISBN dos Anais: 978-65-86861-21-1

PINTO; Gustavo Henrique Lima¹, ALMEIDA; Beatriz Santos de², JESUS; Robson Fernandes de³, BABBONI; Selene Daniela⁴

RESUMO

INTRODUÇÃO: A raiva é uma doença conhecida desde a antiguidade, descrita como a primeira enfermidade zoonótica. Apresenta quadro neurológico agudo e com prognóstico fatal nos humanos em quase 100% dos casos, representa um sério problema de saúde pública e com ampla distribuição geográfica. O agente etiológico da raiva é causado por um vírus da ordem *Mononegavirales*, a família *Rhabdoviridae* e ao gênero *Lyssavirus*, e afeta predominantemente mamíferos domésticos e selvagens. A transmissão da raiva se dá pela penetração do vírus contido na saliva do animal infectado, principalmente pela mordedura e, mais raramente, pela arranhadura e lambadura de mucosas ou em feridas abertas. Na cronologia epidemiológica da raiva o cão era responsável pela transmissão da maioria dos casos em humanos, todavia a cadeia epidemiológica tem demonstrado mudanças em relação aos ciclos da doença, colocando os animais silvestres como os principais transmissores.

OBJETIVO: Analisar os dados dos casos de raiva humana no Brasil transmitidos por animais silvestres. **METODOLOGIA:** Foram utilizados dados do Ministério da Saúde, artigos científicos em sites de busca: PubVet, PubMed e Scielo. **RESULTADOS:** O vírus da raiva silvestre tem uma ampla distribuição nos estados brasileiros, utilizando diversos reservatórios, os quais podem diferenciar-se de acordo com a fauna da região geográfica em que está envolvida, contudo, variantes diferentes podem acabar infectando uma mesma espécie, porém, em nichos geograficamente diferentes. Casos envolvendo saguis ocorrem nos estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Registros de cachorro-do-mato ocorreram nos estados do Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Goiás. Acidentes com morcegos hematófagos ocorreram no estado de Goiás; e com os não-hematófagos nos estados de Rondônia e Mato Grosso. No entanto, acidentes registrados com ambas espécies estão localizados na região Sudeste e Sul, e nos estados de Mato Grosso do Sul, Bahia, Pará, Piauí, Pernambuco e no Distrito Federal. No Brasil, existem 140 espécies de morcegos dentre as quais o vírus foi encontrado em 31. Há dados recentes no Brasil, indicando a presença do vírus em outros mamíferos, como a Raposa Cinzenta (*Dusicyon vetulus*), Jaritatacas (*Conepatus spp.*), Cachorro-do-Mato (*Cerdocyon spp.*), Guaxinins (*Procyon spp.*). De 1999 até 2000 foram registrados 412 casos de raiva humana, dos quais 72% (297/412) tiveram o cão como agressor e 12% (49/412), já uma análise do período de 2000 a 2009, foram notificados 163 casos humanos, sendo que 47% (77/163) foram transmitidos por cães e 45% (73/163) por morcegos.

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade Anhanguera - São José dos Campos - São Paulo, gustavolimabiologia@gmail.com

² Discente do Curso de Ciências Biológicas da Universidade de Taubaté (UNITAU), beatrizsantosdealmeida95@gmail.com

³ Discente do Curso de Ciências Biológicas da Universidade de Taubaté (UNITAU), robsonfes@gmail.com

⁴ Docente do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade Anhanguera de São José dos Campos - São Paulo, selene.babboni@anhanguera.com

Recente dados do Ministério da Saúde, do período de 2010 a 2020, notificaram 38 casos de raiva humana no Brasil, dos quais nove tiveram o cão como animal agressor, 20 por morcegos, quatro por primatas não humanos, quatro por felinos e em um deles não foi possível identificar o animal agressor, isso afirma que desde 2000 há uma reemergência do ciclo silvestre e o controle do ciclo urbano no país. As espécies silvestres envolvidas nos casos citados estão em diversas regiões do Brasil. Em 2010 foi registrado três casos no Nordeste, sendo um causado por canídeo em Chaval - Ceará, um por morcego não-hematófago, no Rio Grande do Norte e o último caso por um primata não humano em Ipu - Ceará. No ano seguinte, 2011, os dois casos confirmados foram por canídeos no Maranhão. Em 2012 cinco casos foram registrados, nos quais dois foram registrados por canídeos, um por morcego não-hematófago e um caso ignorado; os casos aconteceram no Maranhão, Ceará, Minas Gerais e Mato Grosso. Em 2013 ocorreram cinco notificações, sendo três por canídeo e dois por primatas não humanos. O ano de 2014 não apresentou nenhuma notificação da zoonose em humanos, já em 2015 somente dois casos foram notificados, um por canídeo e outro por felino, o ano de 2016 também registrou dois casos, um por morcego e outra por felino. O ano de 2017 foram registrados seis casos, sendo um por felino e cinco por morcegos. Nos últimos dez anos, 2018 foi o que apresentou maior número de notificações de casos de raiva em humano transmitido por animais silvestres, com total de 11 casos, destes dez estão relacionados a um surto na área ribeirinha em Melgaço - Pará, com relato de morcegos como transmissor do vírus. O décimo primeiro caso registrado, ocorreu em Ubatuba, litoral norte de São Paulo, onde o indivíduo foi espoliado por um morcego e somente buscou atendimento e realização de profilaxia antirrábica 12 dias após exposição. O ano de 2019 apresentou um único registro por felino infectado pela variante 3, no município de Gravatal - Santa Catarina. Já 2020 até o mês de junho foram notificados dois casos de raiva humana transmitidas por animais silvestres, o primeiro caso ocorreu em Angra dos Reis - Rio de Janeiro, um garoto foi mordido por um morcego; o outro caso ocorreu em João Pessoa - Paraíba, envolvendo uma raposa na transmissão. **CONCLUSÃO:** A raiva silvestre atualmente tem mudado o panorama no ciclo da zoonose sendo um novo desafio para questões da vigilância epidemiológica, decorrente do aumento na incidência desses animais na transmissão ao homem. A diversidade da fauna, as disparidades socio, econômicas e culturais no Brasil são fatores predisponentes para os casos de raiva humana, evidenciando o impacto na saúde pública. A diminuição dos casos deve ser realizada em ações conjuntas de equipes multiprofissionais, educação em saúde, educação ambiental, educação sanitária, como apoio de autoridades governamentais e a conscientização continuada a população.

Referências Bibliográficas: BATISTA, H. B.C.R; FRANCO, A.C; ROEHE, P.M. Raiva: uma breve revisão, 2007. SAÚDE, MINISTÉRIO DA. Situação Epidemiológica, Saúde de A a Z. SILVA, L. A.; OLIVEIRA, T. E. S.; JUNIOR, MOACIR CARRETTA. Raiva em Animais Silvestres, 2012. SILVA, R.; LANGONI, H. Epidemiologia Da Raiva Em Quirópteros E Os Avanços Em Biologia Molecular, 2011. SOUZA, M. S.; RIBEIRO, W. L. C.; DUARTE, N. F. H.; ANDRE, W. P. P.; SANTIAGO; S. L. T. Transmissão da Raiva por Sagui (*Callithrix jacchus*) no Estado do Ceará, Brasil. Uma Revisão, 2015. VARGAS, A.; ROMANO, A. P. M.; MERCHAN-HAMANN, E. Raiva humana no Brasil: estudo descritivo, 2000-2017. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, 2019 <https://doi.org/10.5123/s1679-49742019000200001>

PALAVRAS-CHAVE: Epidemiologia, Raiva, Silvestres, Zoonose.

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade Anhanguera - São José dos Campos - São Paulo, gustavolimabiologia@gmail.com

² Discente do Curso de Ciências Biológicas da Universidade de Taubaté (UNITAU), beatrizsantosdealmeida95@gmail.com

³ Discente do Curso de Ciências Biológicas da Universidade de Taubaté (UNITAU), robsonfes@gmail.com

⁴ Docente do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade Anhanguera de São José dos Campos - São Paulo, selene.babboni@anhanguera.com

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade Anhanguera - São José dos Campos - São Paulo, gustavolimabiologia@gmail.com
² Discente do Curso de Ciências Biológicas da Universidade de Taubaté (UNITAU), beatrizsantosdealmeida95@gmail.com
³ Discente do Curso de Ciências Biológicas da Universidade de Taubaté (UNITAU), robsonfes@gmail.com
⁴ Docente do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade Anhanguera de São José dos Campos - São Paulo, selene.babboni@anhanguera.com